



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

A ÁRVORE, O TERREIRO E O BAIRRO: ENSAIO REFLEXIVO SOBRE MODOS DE VIDA RELACIONAIS.

ANDRÉ LUIZ DOS SANTOS BARBOSA¹

MILLEN CARVALHO CERQUEIRA DA SILVA²

NATHÁLIA BUENO BALDEZ³

RAFAEL ANTÔNIO PEDREIRA GASPAR DE SOUZA⁴

SARAH DE SOUZA PASSOS⁵

ZARA PEREIRA RODRIGUES SILVA⁶

Resumo: Este ensaio busca analisar as relações existentes entre três signos: a árvore, o terreiro e o bairro negro dentro de uma perspectiva composta por vivências em multiespécie. Através da análise do contexto social urbano da cidade de Salvador, no qual os signos estão inseridos, percebe-se que elementos como o Estado, o capital e as questões que envolvem a racialidade funcionam de maneira imbricada entre si e totalmente alinhada aos desejos de um contexto moderno, capitalista e racista que molda processos relacionais, culturais e políticos na constituição das sociedades. Por outro lado, a perspectiva relacional entre árvore-terreiro-bairro permite e fomenta relações de colaboração e potência de vida ao passo em que também contribuem com a manutenção e a preservação de outras formas de ocupar e “fazer cidade”.

Palavras-chave: Bairros negros; Arvore; Bairro; Candomblé; espécies companheiras.

Abstract: This essay seeks to analyze the relationships between three signs: the tree, the terreiro and the black neighborhood from a perspective of multi-species experiences. Through the analysis of the urban social context of Salvador, in which the signs are inserted, it can be seen that elements, such as the State, the capital and issues involving raciality work in an intertwined way with each other and fully aligned with the desires of a modern, capitalist and racist context that shapes relational, cultural and political processes in the constitution of societies. On the other hand, the relational perspective between tree-terreiro-neighborhood allows and fosters relationships of collaboration and power of life, while also contributing to the maintenance and preservation of other forms of occupying and “making the city”.

Keywords: Architecture and urbanism; Anthropology; Black neighborhoods; Tree; Neighborhood; Candomble; companion species.

¹Arquiteto e Urbanista pela Unime Salvador. Especialista em gestão de projeto de Arquitetura. andreluizbarbosa11@gmail.com

² Psicólogo pela Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública. Mestrando em antropologia urbana pelo Programa de Pós-graduação em antropologia/UFBA. millencarvalho@hotmail.com

³Graduanda em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal da Bahia/UFBA

⁴Arquiteto e Urbanista pelo Centro Universitário Jorge Amado. Mestrando em Urbanismo pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo /UFBA. rafaelgaspar@ufba.br

⁵Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda em Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFBA. sarah.s.passos@gmail.com

⁶Urbanista e Arquiteta pela Universidade Federal da Bahia. Mestranda em Urbanismo pelo Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo/UFBA. zara.ps14@gmail.com



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global



Colagem manual. Fonte: Zara Rodrigues, 2021.

1. Introdução

Em 2021, no mês de agosto, em plena pandemia, segui até o Ilê Àse do qual sou filho. Chegando lá, tomei meu banho de folhas, vesti minha roupa litúrgica (roupa de ração), reverenciei todos os orixás da casa, bati a cabeça para o Babà, perguntei como ele estava, visto que desde que começou todo o isolamento social, não se tinha notícias quando seria o próximo candomblé daquela roça centenária. Babà narrou estar "levando a vida como se podia levar naquela situação, isolado, mas com muita fé em iroko e omolu". Imediatamente pediu que eu fosse até iroko, e limpasse ao redor do orixá, rezando e pedindo ao orixá que nos desse "sabedoria de como fazer as coisas e esperar o correr do tempo da doença". Assim fiz: peguei uma vassoura, objeto que era raro ser encontrado antes da pandemia em um terreiro de candomblé, porém naquele dia podia-se ver a pilha delas escoradas na dispensa. Desci até Iroko, abri a portinha que dá acesso à grande árvore que fora do candomblé chamamos de "gameleira". Lá aquela força me acolhia, o dia ensolarado, varria lentamente as folhas sagradas que caíam ao



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

redor de seu tronco. Eu juntava monte por monte, conversando em voz alta com aquele orixá, compartilhando com ele a miséria global que atravessamos, e a importância de sua existência máxima na vida do povo de santo, afinal de contas, como se sabe no candomblé, iroko foi a primeira árvore do mundo, e é por ela que os orixás descem ao Àiyé⁷, para celebrar com os humanos a vida. Iroko é também orixá-tempo, é essa senhora responsável pela presença do passado e do futuro, é a vida e a morte das coisas, isso porque sabe da vida e da morte das coisas antes da própria vida e da morte se saberem. Iroko é também aquele que refaz o espaço, compondo com sua presença, o sagrado do mundo, é também quem acompanhou os passos das nossas mães velhas, e agora acompanha os nossos. Ali, embaixo daquela grande árvore, se pode notar o seu poder: basta olhar uma de suas folhas caindo, a largura de seu tronco, as muitas galhas e galhas que se emaranham em sua copa. Varrendo aquele chão sagrado, *danei* a pensar na presença das árvores na terra e seu grande valor de vida, entendendo que é ela a grande libertadora do oxigênio, fonte de nossa existência. Exatamente naquele momento em que a vida dependia do oxigênio, percebendo as inúmeras mortes causadas pela covid, que por meio de uma inflamação pulmonar, matava pessoas por asfixia, eu estava ali, embaixo de iroko, respirando o tempo, e rezando pelos ancestrais que ajudaram a fazer aquele ilê.

Não é raridade esse tipo de relato vindo do povo de candomblé: varrer ao redor de uma grande árvore enquanto conversa e aprende com ela. Uma árvore do candomblé é, antes do próprio terreiro, um ancestral informador de regiões sagradas. Em suas imediações pode-se ter elementos importantes, como por exemplo: a presença de rios, bichos diversos, rochas e um bom solo. Elementos importantes para a manutenção da vida. Não qualquer vida, mas por tratar-se de vidas em contexto de exploração existencial, *plantation*⁸, descaracterização da experiência cultural, monstrificação e racialização de

⁷No Terreiro de Candomblé torna-se possuidor de elementos do Àiyé (plano material) e do Òrun (plano espiritual), estabelecendo assim uma relação harmoniosa entre eles.

⁸No contexto da *plantation*, como sugere Achille Mbembe, "a condição de escravo resulta de uma tripla perda: perda de um "lar", perda de direitos sobre seu corpo e perda de estatuto político (...) a *plantation* é sem dúvida um espaço em que o escravo pertence ao senhor" (MBEMBE, 2019, p.27). Ver: MBEMBE, Achille. Necropolítica. São Paulo: editora n-1, 2019. 27 p.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

peças raptadas e escravizadas do continente africano⁹. Para esses povos, as árvores fazem parte da composição cosmológica dos seus centros de pensamento e explicação de mundo. Elas constituem o retorno ao passado e o fazimento do presente.

Sendo assim, o que nos ensina o povo de asé é que é impossível criar uma vida sem considerar "sinergia colaborativa" entre seres (TSING, 2019, p.24). É justamente esse tipo de colaboração que está ameaçado no modo de vida neoliberal, em um sistema capitalista no qual estamos inseridos. Se os *commodities* se impõem sobre as práticas existenciais de nações indigenistas, mulheres, lgbtqi+, com os povos racializados pelo sistema colonial não é diferente.

O que a história nos conta é que dentro e fora da cidade, para pessoas racializadas, sejam elas crioulas ou do continente africano, não era possível que o sensível da vida pudesse se manifestar¹⁰. Muitas voltas, revoltas e fugas abriram espaço ao sensível da vida precarizada, como por exemplo, a constituição do candomblé em terra baiana.

Se, em a "Planta do Mundo" (2021), Stefano Mancuso pergunta: "a forma da cidade como conhecemos é a única plausível? Não seria possível imaginar de modo diferente o que hoje é considerado o lar de nossa espécie?" (MANCUSO, 2021, p.45). Ainda que ele nunca tenha estado em um terreiro de candomblé - já que seu pensamento está localizado no núcleo ocidental programador de colonizações, a Itália - sua pergunta não deixa de ter efeito sobre a base do pensamento crítico sobre o urbanismo. Devemos considerar que nossa sobrevivência, digo, a sobrevivência dos povos racializados, vem

⁹ Em "O Atlântico negro", Paul Gilroy (2001) nos apresenta os mecanismos presentes no percurso escravocrata, entre o Benin na África e as Américas. Mecanismos estes que integravam total objetificação dos corpos ascendentemente pigmentados e nativos de nações habitantes do continente africano. Ver: GILROY, Paul. (2001) O Atlântico Negro. Modernidade e dupla consciência, São Paulo, Rio de Janeiro, 34/Universidade Candido Mendes – Centro de Estudos Afro-Asiáticos.

¹⁰ Nos conta Reis e Gomes (2021) em "Revoltas escravas no Brasil", que quanto mais o Estado e a Igreja notavam o poder e unificação dos povos negros, mais se intensificava o sistema de coação e violência desses povos. Com isso, tentando destruir qualquer possibilidade de ascensão dessa comunidade escravizada principalmente no contexto da Bahia. Ver: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos (org.). Revoltas escravas no Brasil. 1. ed. [S. l.]: Companhia das Letras, 2021. 672 p.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ocorrendo há mais de quinhentos anos graças ao sistema de pensamento que inclui redes de espécies complexas, humanas e não-humanas.

Essas redes vêm sendo deterioradas, e como que de propósito, o sistema capitalista predatório organiza inúmeras práticas de devastação. Por incrível que pareça, o que está no jogo de exploração e assassinato para o grande capital são essas relações constituídas por multi-espécies. É inquietante pensar que árvores¹¹ e pessoas de candomblé são diuturnamente assassinadas, perseguidas, escamoteadas, escravizadas¹². Constata-se em historiografia brasileira que ambos os seres, árvores e pessoas racializadas, estiveram no centro de captação de recursos do período Colonial à frente. Primeiro catequização dos povos indigenistas do Brasil, depois desmatamento e garimpos criminosos, em seguida escravização de pessoas de nações do continente africano. O efeito disso é a precarização de um Brasil que empobrece toda prática existencial que insista em "saberes orgânicos"¹³.

Não é por acaso que se varre os pés de um orixá em período de crise global. Foi nesse movimento de meditação suplantado no ato-de-varrer, que se pode notar com veemência

¹¹ A Bahia é o quinto estado com maior desmatamento no Brasil. Segundo o relatório anual do Mapbiomas, a área desmatada é de 417 hectares por dia, o equivalente a mais de 400 campos de futebol por dia. Fonte: G1 Bahia, 2019, disponível em:

<https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2022/07/19/bahia-e-o-5-estado-com-maior-desmatamento-nobrasil-area-desmatada-e-equivalente-a-mais-de-400-campos-de-futebol-por-dia.ghtml>

¹² O Terreiro Ilê Axé Ojisé Olodumare, localizado em Barra do Pojuca, na cidade de Camaçari, região metropolitana de Salvador, foi invadido na noite de sábado (12), e pai de santo da casa foi agredido com uma coronhada no rosto. Segundo a delegacia de Monte Gordo, que investiga o caso, algumas vítimas já prestaram queixa. Fonte: G1 Bahia, 2019, disponível em: <https://www.correio24horas.com.br/noticia/nid/bandidos-invadem-terreiro-roubam-celulares-e-batemem-pai-de-santo/>

¹³ "Os povos africanos foram trazidos de forma forçada de África para cá, sem poderem falar suas línguas. Eles até sabiam falar, mas não tinham com quem falar, por conta da separação das famílias, por conta do afastamento das pessoas que falavam a mesma língua. Então é um povo trazido com vários bloqueios sobre as suas línguas, as suas sementes, os seus saberes, os seus modos. E aí este povo chega em uma terra onde tem outro povo que eles nunca tinham visto e de repente eles conseguem se comunicar, e se comunicam muito bem. Conseguem se entender e de forma harmoniosa. Ou seja, não existe mesmo na história colonialista relatos de ataques e, digamos assim, de extinção massiva entre os povos africanos e dos povos originários dessa terra. Por que não houve isso? Porque houve uma comunicação para a vida. Uma comunicação da vida para a vida. É isso o que nós chamamos de saberes orgânicos (...) quando dizemos que os nossos saberes são orgânicos, é porque são saberes voltados para o ser, voltados para a vida. São saberes resolutivos". (BISPO apud DORNELES, 2021, p. 16) Ver: Dorneles, D. R. . (2021). PALAVRAS GERMINANTES: ENTREVISTA COM NEGO BISPO. *Identidade!*, 26(1 e 2), 14–26. Acessado em: <http://revistas.est.edu.br/index.php/Identidade/article/view/1186/1010> .



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

que não há somente um terreiro ali, ao redor de Iroko, mas naquela geografia onde está Iroko, terreiro de candomblé, há também um bairro. Não qualquer tipo de bairro, mas podemos considerar bairros que nasceram ao percorrer do tempo, que saúdam o tempo e acreditam no tempo. Podemos chamá-los de bairros negros que, segundo Ramos (2013), definem-se a partir de critérios históricos, culturais, políticos e econômicos, destacando a presença negra no território, os quais tiveram uma forte herança dos saberes de suas/seus moradoras(es) fundadoras(es) na criação de estratégias de solidariedade e de relações sociais.

Com este texto pedimos licença a Iroko/tempo para montarmos uma imagem do pensamento que atrele os signos diversos para a composição de vivências em multi-espécie: à árvore, o terreiro, o bairro negro. Dessa forma, o desenvolvimento deste ensaio é dividido em três partes, chamadas: árvore, terreiro e bairro negro. A ideia central do percurso por estes três signos é que o(a) leitor(a) possa ir tirando suas conclusões a respeito dos membramentos e desmembramentos destes signos entre si na formulação do que chamamos "bairros negros".

2. Metodologia

Como sugere Anna Tsing (2019), "abrir uma porta é um tipo específico de tarefa intelectual que exige saltos imaginativos tanto quanto dados e argumentação" (p.121). Neste trabalho, que emerge em terreno qualitativo, nos propomos re-fazer percursos no intuito de incluir "sociedades mais que humanas" (TSING, 2019, p.121), com vistas de posicionar no circular da vida o humano como uma "espécie companheira" entre outras (TSING apud HARAWAY, 2019).

Para esta proposta de incluir recursos imaginativos, espécies companheiras e, em certa altura, o reconhecimento da inter-relação complexa entre coisas vivas, recorreremos a estratégia de produzir uma escrita com pele de ensaio teórico, partindo do pressuposto de que é uma das possibilidades do "pensamento ganhar autonomia por ser algo inerente ao ensaísta. No contexto do ensaio, o pensamento ganha autonomia justamente por



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

permitir que a subjetividade do ensaísta ganhe força e importância na ação de compreender o objeto colocado em análise" (MENEGETTI, p. 11, 2011).

Neste ensaio três signos foram colocados em análise: a árvore, o terreiro e o bairro. Partindo do pressuposto de que alguns terreiros nasceram do encontro de uma árvore com povo de asé e o reconhecimento da árvore com o povo, foi possível identificar que dessa dupla relação uma terceira se faz emergir, que seriam as produções dos bairros negros entorno dos terreiros de candomblé. Dessa maneira, o trio árvore-terreiro-bairro compõe uma rede de signos que se autoproduzem na configuração de uma vida entre espécies: isso implica pensar a respeito dos signos que estão envolvidos naquilo que seria a ideia de "bairro negro".

Quatro terreiros de candomblé nos deram campo imaginativo para pensarmos a proposta deste trabalho. O primeiro deles foi a Casa de Oxumarê¹⁴, localizada na região da Federação. O segundo foi o terreiro do Bate Folha¹⁵, localizado no bairro da Mata Escura. O terceiro foi o terreiro Casa Branca¹⁶, localizado na Av. Vasco da Gama. E o quarto deles foi o terreiro Ilê Axé Jitolu¹⁷ ou Terreiro de Mãe Hilda no Bairro da Liberdade. Sendo todos esses terreiros de candomblé, localizados na cidade de Salvador, na Bahia, Brasil e abordados pelas autoras e autores deste texto durante a disciplina Bairros Negros ministrada pelos professores Fábio Velame e Henrique Cunha no Programa de Pós-graduação em Urbanismo (UFBA).

3. Árvore

Aqui tudo era mato! É comum ouvir essa afirmação das mais velhas que me contam suas histórias e memórias sobre a cidade, uma paisagem primária que reexiste no imaginário

¹⁴Para mais informações ver RAMOS (2013)

¹⁵Para mais informações ver RAMOS (2013)

¹⁶ Para mais informações, acessar "Festa da Boa Morte - Cadernos do IPAC 2 (2011)", disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/57963308/Festa-da-Boa-Morte-cadernoIPAC2>>

¹⁷ Para saber mais, consulte o documentário "Quem é Mãe Hilda Jitolu? – Ocupação Ilê Aiyê (2018)", disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=keyeaagUGis>.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

popular, nas fotografias antigas, nas literaturas. Seriam então as árvores as primeiras habitantes da cidade?

Durante os anos 2020 e 2021, tempos de pandemia da COVID-19, compreendi com mais assertividade os motivos pelos quais minha avó e aquelas que vieram antes dela - mulheres negras e minhas ancestrais -, cuidaram e mantiveram nosso quintal, ainda que já houvessem escutado que ali era só um terreiro que precisava ser ocupado. O que seria estar desocupado? Nosso ritual durante esses tempos era sentar debaixo do pé de manga depois do almoço - que está ali desde antes da minha bisavó -, cortar uns pedaços da cana que, de tão madura, arriava sobre o chão, furar uns cocos verdes que caem regularmente dos três coqueiros - que ocupam aquele lugar desde antes de existirem nossas casas - e, permanecer nessa lentidão¹⁸ até que a rotina desse conta de nos tirar do lugar. Poderia dizer que, ao estar em constante conexão com essas árvores, mergulhava no que Krenak (2020) chama de fricção com a vida, viver em conexão com o que habitou esse espaço antes de mim, durante minha existência e estará aqui até depois de mim - se resistirem ou até mesmo, virarem ruínas (TSING, 2019).

Emerge a partir disso, memórias imaginativas que me fazem dialogar novamente com Krenak (2020) e sua proposição de uma dança cósmica entre nossos corpos e esses outros organismos que compartilham dessa estadia na biosfera do Planeta Terra, aprendendo com eles, os ouvindo, ou até mesmo pensando a partir deles. Como seria pensar a cidade a partir da árvore? Não a cidade universal criada no imaginário da branquitude¹⁹, que ignora a relevância dessas relações, mas aquela cidade pluriversal compreendida e praticada a partir de uma colonização ensejada pela população negra, como propõe Cunha Junior (2020).

¹⁸ Trazer a ideia de “lentidão” a partir da perspectiva de Tsing (2019) ao sinalizar que utiliza “o adjetivo ‘lento’ em diálogo com slowfoods e slow cities; lentidão é um sonho a encorajar, mais do que um traço a objetificar” (TSING, 2019, p.23).

¹⁹ Sobre a construção de um imaginário da branquitude, Gonzalez (2020, p.131) conceitua “ideologia do branqueamento” como reprodução e perpetuação do “mito da superioridade branca”, onde os únicos valores verdadeiros e universais são brancos e ocidentais. Ver: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375p.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Colonização essa que articula formas de vida baseadas em colaborações mútuas e em uma coletividade (Marcelin, 1999), um traço marcadamente ancestral, essa é a cidade a que me referencio e a qual mais hábito. Esta afirmação ganha mais uma camada de reflexão compreendendo, a partir de Cançado (2017) em diálogo com o biólogo Mancuso, que “as plantas são inteligentes e capazes de resolver problemas” através da colaboração entre as vidas do seu entorno, como água e nutrientes. Ou seja, uma busca constante em manter-se em um ambiente equilibrado e possível de ser habitado, ainda que este lhe imponha adaptações e readaptações incessantemente.

Retornando às memórias imaginativas percebo a árvore enquanto uma habitante completamente articulada às formas de águas e às suas margens férteis, demonstrando a potência daquele espaço a partir da sinalização de sua própria existência, tornando-se assim mais um referencial de vida em harmonia com aquele sistema/espaço. Lembro-me de memórias contadas por minhas mais velhas quando descreviam as fontes de água que zelavam e utilizavam para lavar roupas e abastecer seus tonéis, e das árvores que margeavam aquele minadouro, servindo alimento e abrigo para quem lidava com aquele fazer cotidianamente, e dando nome àquele lugar, ou seja, definindo-se como um referencial do espaço. Ao mesmo tempo, os homens que acompanhavam essas mulheres plantavam uma rocinha na beira da fonte sob proteção das árvores, colaborando ainda mais com o ciclo de vida daquele sistema. Quanto mais formas de água havia na superfície, maior também seria a presença das árvores nos espaços. Já que elas me dizem que “era tudo mato” posso inferir que também tudo poderia ser água, presenças que sinalizam relações de colaboração num tempo que, apesar de já existirem algumas intervenções humanas, esses fazeres também contribuem com a manutenção e a preservação daquelas outras formas de ocupar a cidade, e vice-versa.

A Mem de Sá não era uma avenida. Era pé de mangueira, uma pontezinha e muita pedra. Mas a água era limpa. A gente lavava roupa nesse córrego, a roupa dos outros. Lá no córrego tinha três poços redondinhos, feitos por escravos, as Três Marias. Ali, a gente pegava água pura para beber. Meus meninos foram criados assim. Como minha casa



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

era de compensado, às vezes, enquanto estávamos dormindo, olhava para cima e aparecia uma cobra no telhado. Aqui era uma rocinha mesmo (KIDIOALE E MUIANDÊ, 2018).

Antes dessa árvore que sinalizava a fonte, nas trilhas de passagem criadas pelos homens e mulheres habitantes, era possível identificar diversos outros pontos familiares ao apontar as árvores que marcavam um espaço, ou mesmo, os criavam.

Minhas mais velhas ainda me contam que nos processos de invasão²⁰ - como elas chamam as ocupações de terras por aqui -, a busca por um local adequado para se instalarem dependia da presença de árvores que servissem para construir as estruturas de pau-a-pique, os apoios que seguravam a piaçava do telhado, as cercas que marcavam os limites do terreno. Também era importante ter árvores frutíferas nos quintais dessas casas, que tanto serviriam de alimento, quanto como espaço de lazer para as crianças, ou mesmo algumas que pudessem sombrear a casa, os estaleiros, as hortas e os galinheiros, e outras que poderiam ser cortadas para fazer carvão e lenha. Este era um sistema diferente, mas que, de algum modo ainda era colaborativo, não esgotou a vida de outra espécie, mas também não foi um processo espontâneo e natural, foi um movimento massivo e ocasionado por diversos fatores que denotam uma forma emergencial das populações negras habitarem as cidades. A árvore é testemunha de um novo tempo, de uma nova relação, mas permanece ali enquanto elemento protagonista daquelas vivências.

O tom saudosista e nostálgico reverbera em todo diálogo que tenho com minhas mais velhas sobre suas vivências na cidade, parecem descrever uma vida que não mais existe

²⁰ Na medida em que a cidade urbanizada não oferecia espaço habitacional compatível com a sua renda (ou melhor, com a carência), começaram a se multiplicar as ocupações coletivas por “invasão”, como passariam a ser designadas as áreas de habitação popular que se formaram ou cresceram por “ocupação espontânea” direta, e, sobretudo, de forma coletiva, iniciadas por famílias sem recursos e sem moradia, à revelia do proprietário fundiário, portanto, sem consentimento, intermediação ou comercialização”. (SOUZZA, apud CARVALHO et al, 2007, p.264). Ver: DE CARVALHO, Inaiá Maia Moreira. PEREIRA, Gilberto Corso (organização). Como anda Salvador e sua região metropolitana. Salvador: Edufba, 2008. 228 p.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

ou mesmo nunca mais existirá. Do mesmo modo, as árvores vão esvaziando-se das paisagens descritas ao longo dessas narrativas de memórias, elas descrevem os espaços, tão definidos e caracterizados por essas habitantes, em tempo passado, como se não mais existissem. Os modos de viver das populações negras na cidade definidos por essa relação com a árvore vão modificando-se, e até mesmo diluindo-se devido aos atravessamentos dos históricos planejamentos urbanos e legislações de controle racistas (CUNHA JUNIOR, 2020).

Dessa maneira, é possível fazer um paralelo com o arrasamento e controle exercido com as árvores no espaço urbano. Isto pode ser percebido nos manuais de arborização das capitais brasileiras, que definem as espécies que podem habitar o meio ambiente urbano sob perspectivas estéticas e técnicas, bem como a partir “serviços ambientais” que podem exercer (Kidoiale e Muiandê, 2018), tornando-a um instrumento da paisagem, e não uma habitante da cidade de fato. O tom saudosista não é definidor do diálogo com minhas mais velhas apenas por tratar-se de uma memória, mas revela o quanto a paisagem urbana modificou-se em prol de um único modo de habitar.

A ‘vontade de derrubar uma floresta inteira para tirar o retrato de uma certa árvore’, máxima de Marcel Gautherot, fotógrafo da etérea utopia moderna brasileira, se tornou imagem corriqueira. Mas agora a certa árvore é cada vez mais a única árvore solitária em meio às pastagens e aos campos de soja, esquadrihados de acordo com a rigorosa geometria do regime logístico global (CANÇADO, 2017).

Torna-se evidente que os mecanismos de urbanização das cidades são estratégicos para incidir tanto sobre as populações negras quanto sobre as árvores, afetando em contexto maior os modos de vida das populações negras das cidades (Kidoiale e Muiandê, 2018). Porém, também é evidente que alguns desses modos de vida permanecem e resistem às pressões desses poderes ao longo do tempo. É possível inferir que existem forças que emergem apesar desse contexto opressor, como os quintais a que me referir de antemão, mas principalmente os terreiros enquanto locais



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

em que a relação com essas árvores são energia central que baseiam suas vivências desde o passado, até o presente, tornando possível imaginar seu futuro.

4. Terreiro

Não existem sociedades “a-espaciais ou a-geográficas” (RODRIGUES, 2016, p. 2) e as relações sociais não acontecem sem espacialidade material ou subjetiva. As questões relacionais que perpassam discursos hegemônicos em torno da racialidade e da colonialidade influenciam diretamente na construção dos espaços e territórios diversos em Salvador. A partir e apesar da existência de uma hegemonia composta pela branquidade, muitas vezes representada pelo Estado branco²¹ e suas maneiras de discursar, homogeneizar e intervir no território, existe a Salvador negra onde a espacialização de práticas religiosas conformam os saberes de um território amefricano²².

Os espaços de candomblé em Salvador estão historicamente conectados à margem²³ da cidade, em territorialidades negras²⁴ que no século XIX eram conhecidas como roças.

²¹ Paterniani (2016, p. 3) entende a branquidade do estado como “[...]os vínculos entre os diferentes tipos de racismo presentes em algumas práticas e concepções estatais [...]. Um modo de funcionamento, atualizado no Estado, a partir da criação de uma cisão eu/outro (ou nós/eles)”. Ver: PATERNIANI, Stella Z. Da branquidade do estado na ocupação da cidade. Revista brasileira de ciências sociais, [s. l.], v. 31, n. 91, p. 1-18, jun. 2016.

Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/V9QSx3qZj5RBq5L93jpSMgj/?format=pdf&lang=pt>.

²²A “amefricanidade” (GONZALEZ, 2020, p.127) explicita a importância de contribuições outras (de negros das Américas e do Caribe), e não apenas de ordem branca e europeia para a formação histórico-cultural do Brasil e das Américas. Ver: GONZALEZ, Lélia. Por um feminismo afro-latinoamericano: ensaios, intervenções e diálogos. Organização Flávia Rios e Márcia Lima. 1.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020. 375p.

²³O conceito de “margem” baseia-se na concepção de Rosa (2014, 2018), Kilomba (2019) e Hooks (2019). Estar na margem é ser parte do todo, fora do corpo principal. Na margem fronteiras opressivas das categorias raça, gênero, sexualidade e dominação de classe são questionadas e desconstruídas.

Ver: ROSA, Thaís Troncon. Cidades outras: pobreza, moradia e mediações em trajetórias urbanas liminares. 2014. 391 f. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Arquitetura e Urbanismo de São Carlos, Universidade de São Paulo, São Carlos, 2014. / ROSA, Thaís Troncon. Pensar por margens. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth (org.). Nebulosas do pensamento urbanístico: tomo I - modos de pensar. Salvador: Edufba, 2018. p. 176-204. / KILOMBA, Grada. Memórias da plantação: Episódios de racismo cotidiano. 1. ed. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. 248 p. / HOOKS, Bell. Anseios: Raça, gêneros e políticas culturais. [S. l.]: Elefante, 2019. 440 p.

²⁴Para territorialidades e territórios entende-se conceito explicitado por Mattos (2000, p. 27) através de Santana (2005, p. 3) como processo de relacionamento que define espaço e identidade, transcendendo limites físicos. No que tange territorialidades racializadas e marginalizadas dos terreiros pode-se dizer que



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

O posicionamento do que foram terreiros e roças, e suas diferenças, são importantes elementos constituintes da cidade. Os candomblés existiram por muito tempo afastados do centro urbano das cidades, proibidos de ocupar esses espaços devido às legislações (e por medo)²⁵. Era no meio do mato, no meio das árvores que o candomblé acontecia. Para além da estrutura racializada de cidade concebida por um Estado branco, estar na roça, estar na mata, era também estar protegido. Santos (2009) informa que:

“Morar no centro da cidade e realizar as práticas religiosas nos seus arredores ou nos subúrbios foi uma estratégia utilizada pelo povo-de-santo para manter viva as suas tradições religiosas. Estabelecer “roças de candomblé” nas zonas periféricas significava ficar longe da perseguição policial, o que não queria dizer livre de sua repressão. Esse deslocamento que permanecerá até o século XX constituiu-se desde o século XIX, uma alternativa para a realização de diversos rituais. Não somente pela distância da intransigência policial, mas também pelas condições ambientais mais propícias aos cultos, ritos de iniciação e festas litúrgicas” (SANTOS, 2009, p. 6).

Santos (2009) ainda complementa que o termo “terreiro” originalmente indica espaços planos de terra, largos e praças, áreas para cantar e dançar. Ao final do século XVIII os “terreiros de cidade” passaram a ser entendidos como um sinônimo para “casa de candomblé”. Em seguida o termo deixou de estar conectado apenas a espaços abertos e passou a indicar também os espaços fechados, porém públicos e acessíveis a quem quisesse participar dos eventos, onde ocorriam as cerimônias.

o termo território/ território negro considera práticas e valores culturais próprios às populações negras e contrários às expectativas, subordinação e disciplinamento das elites dominantes. Ver: SANTANA, Lígia C. ANAIS DO 2º ENCONTRO ESCRAVIDÃO E LIBERDADE NO BRASIL MERIDIONAL, 2005, Porto Alegre. Territórios e itinerários negros em Salvador (moradia, trabalho e divertimento, 1855-1887) [...]. [S. l.: s. n.], 2015. 8 p. Disponível em: http://www.escravidaoeliberdade.com.br/site/index.php?option=com_content&view=article&id=119&Itemid=63.

²⁵ Santos (2009) explica que a elite branca baiana entendia que terreiros longe do centro da cidade seriam um “problema menor”. O autor exemplifica que em 1875 o presidente da Província designou o largo do Barbalho para as práticas religiosas afro-baixas e que desde 1814 já existia uma resolução, estabelecida pelo Conde dos Arcos, impedindo batuques e manifestações religiosas do candomblé em ruas e largos da cidade.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

Dessa maneira, os terreiros e a história da população negra soteropolitana estão completamente imbricados com o presente, passado e futuro de Salvador e seus bairros. Se faz necessário reconhecer as inúmeras transformações e contribuições negras realizadas em bairros e territórios que implicam na criação e disseminação de cultura, tecnologias e muito conhecimento.

É no vínculo existente entre território, pessoas, natureza e memória que mora o terreiro. O “candomblé é força da natureza misturada com a espiritualidade de pessoas bem civilizadas, que aprendem via religião. O candomblé é vida, é cura” (KIDOIALE E MUIANDÊ, 2018, p. 2). Em contramão, na perspectiva de um “capitalismo colonial/moderno e eurocentrado”²⁶ (QUIJANO, 2005, p. 117), o relacionamento branco com as multi-espécies, com a natureza que não é humana, se dá através de um processo que permite a produção de mercadorias e a acumulação do capital através da expropriação do meio ambiente. Dessa forma, a natureza se constitui “tanto como uma fonte de ‘insumos’ para a produção como um ‘ralo’ para absorver os resíduos desta última. [...] é aqui transformada em um recurso para o capital, cujo valor é ao mesmo tempo pressuposto e negado” (FRASER, 2015, p. 715). Conforme reforçado por Kidoiale e Muiandê (2018), as árvores são parte integrante do candomblé e dos terreiros, constituem pedaços da história. A natureza é uma divindade à qual devemos respeito:

Vivi numa comunidade com um córrego que passava ali perto. Tinha um pé de jatobá onde brincávamos todo dia. Eu lembro que minha mãe mandava amarrar várias cabaças no pé de jatobá e a gente não sabia o porquê. Depois fomos entender que era coisa de terreiro de candomblé, coisa sagrada. Depois que o terreiro foi embora, a primeira coisa que fizeram foi cortar o pé de jatobá, que não existe mais. (KIDOIALE E MUIANDÊ, 2018, p. 7)

²⁶ Quijano (2005, p.117) entende a classificação de raça como uma construção mental que expressa a dominação colonial e permeia as dimensões mais importantes do poder mundial. O conceito de raça é um dos eixos fundamentais de colonialidade no padrão de poder hegemônico do “capitalismo colonial/moderno e eurocentrado”.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

A importância da natureza é ratificada, protegida e sacralizada através do candomblé. A mata é entendida como um conjunto multi-espécie sagrado e as árvores como entidades religiosas, além de serem estruturas definidoras de espaços nos terreiros. Ao explicar sobre a mata sagrada²⁷, Velame (2019) afirma que ali a natureza nunca é somente “natural”, mas está impregnada de valor e simbolismo religioso. E, para além disso, o mundo em seu todo - como uma criação divina proveniente dos deuses - está encharcado de sacralidade. Dessa maneira, é no mato, sagrado em suas árvores, folhas, arbustos e ervas, onde estão contidos, e circulam, os princípios do axé, pois “o universo se coloca, através da mata, de tal forma que o homem religioso, ao contemplá-lo, percebe as diversas formas do sagrado, do ser” (VELAME, 2019, p. 106). O terreiro guarda em si o mato, a mata, as árvores. E, em sua sacralidade, a mata também guarda o terreiro e alimenta o axé.

5. Bairro negro

Em Salvador, geralmente, os terreiros eram construídos em áreas com bastante arborização - como explicitado no tópico anterior - por vezes possuíam áreas enormes com mata fechada. Essa situação, se dá pela relação entre o Orixá e a árvore: “as árvores são as residências dos orixás, por isso os terreiros são rodeados de árvores de diversas espécies, cada qual é a morada de uma 'entidade'” (RAMOS, 2007, p.75). Ao mesmo tempo em que a árvore atrai o terreiro, por ser ela guardiã dos orixás, o último assume o papel de protetor das árvores em uma cidade inserida no modelo capitalista de exploração do espaço. Esta relação imbricada, da árvoreterreiro-pessoas, sendo o último quase sempre um negro, estabelece uma sinergia de sobrevivência interespecie

²⁷Em *Arquiteturas da Ancestralidade Afro-Brasileira*, Velame (2019) nos conta a respeito do terreiro *Omo Ilê Agboulá*. A mata sagrada se encontra no fundo do terreiro e se constitui como uma rede de fluxos de energia e poder que advém dos vegetais sacralizados, energias que interagem entre si e criam redes de axé. Ela guarda segredos entre suas plantas, copas de árvores e raízes, é um espaço de grande poder onde apenas uma alta hierarquia de iniciados pode adentrar, pessoas preparadas para suportar tamanho poder. A mata sagrada do *Omo Ilê Agboulá* acontece da seguinte maneira: “um muro de árvores, arbustos e plantas de diversas cores, formas, tamanhos e tipos. Algumas delas não podem ser cortadas, não se pode nem tirar um galho ou uma folha; outras oferecem seu poder, sua energia para alguma realização. Elas falam umas com as outras, conversam, se guardam; outras são inimigas, não podem sequer estar próximas, pois se tornam fracas, perdem seus poderes” (VELAME, 2019, p. 105)



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

simbiótica, o que levanta a hipótese de que, a ação hegemônica do colonizador/capitalista nos bairros negros se dá no sentido de atacar essa estrutura de proteção mútua, caracterizada por ataques de caráter socioambientais racistas.

Se imaginássemos essa relação simbiótica anteposta, na constituição dos princípios basilares de nossa humanidade, ao ultrapassarmos a linha dos terreiros, e por seguinte, dos bairros negros, alcançaríamos um modelo de civilização que apostasse na “conservação do espaço verde e pontos de reunião para a sociabilidade” (SERRA apud CANTARINO, 1984). Essa reflexão desmascara a narrativa construída em cima do ideário de modernização²⁸ a partir da lente do colonizador. Comprovado pela preocupação política recente das classes dominantes da construção do modelo atual de civilização, em defesa do patrimônio ecológico, que ao contrário do poder dominante eurocêntrico, o povo de terreiro foi o primeiro a ter esse cuidado. “Só isso já seria importante para se fazer reconhecer o mérito desse pessoal” (SERRA apud CANTARINO, 1984).

Como bem sinaliza Santos (2018) na reflexão acerca da espiritualidade exercida pelo homem branco e a prática ancestral na espiritualidade das pessoas racializadas, como formas divergentes de credo, cultura e percepção existencial contribuem para modos diferentes de compreender o mundo, com rebatimento claro no espaço. Segundo Santos (2018):

Como eles só têm um deus, eles só olham numa direção. Então o olhar deles é vertical, é linear, não faz curva. Assim é o pensar e o fazer deles. Como nós temos várias divindades, conseguimos olhar e ver a nossa divindade em todos os cantos. Vemos de forma circular, pensamos e agimos de forma circular e, para nós, não existe fim, sempre demos um jeito de recomeçar (SANTOS, 2018).

²⁸Ver: WALLERSTEIN, I. Eurocentrismo e seus avatares: os dilemas da ciência social. In: O fim do mundo como o concebemos: ciência social para o século XXI. Rio de Janeiro, Revan, (1997) 2002, P. 205-221.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

O rapper e cantor brasileiro Emicida relata, em prefácio assinado por ele para o livro de Raquel Rolnik, sobre a existência de um livro de fotografias da América Latina. O relato faz menção a um álbum de autoria de dois exilados franceses, JeanVictor Frond e Charles Ribeyrolles (EMICIDA, 2021, apud ROLNIK, 2022 p.9) que retrata o Brasil Império sob olhar colonizador dos seus autores. A publicação ilustra bem o “olhar vertical e linear” do colonizador, que reuniria no álbum litografias que ilustravam “o registro da derrubada de árvores e da diminuição de rios [...] e muitas imagens da vida urbana [...], excluiu a presença escrava de certos lugares, sobretudo as desumanidades impostas a essa parcela dos habitantes” (EMICIDA, 2021, apud ROLNIK, 2022 p.9) do Brasil Império. Supõe-se que essas imagens eram divulgadas nas cidades europeias na tentativa de atrair imigrantes brancos para povoar as terras invadidas pelos colonos portugueses. Perceba que as árvores eram traficadas, exportadas e importadas. As árvores nativas foram derrubadas expressivamente, por um lado, para a urbanização da colônia, e por outro, para serem exportadas ilegalmente para o continente europeu. Eram importadas também diversas árvores vindas do “velho mundo”, que davam conta de deixar os bairros nobres com “a cara” da civilização.

Esta realizada histórica possui relação direta com o processo de “modernização” das cidades brasileiras e não seria diferente com o modo de “fazer cidade”²⁹ (AGIER, 2015, p. 41) operado pela branquidade nos bairros negros de qualquer cidade do Brasil, inclusive em Salvador.

Corrêa (1989) define que o espaço urbano é “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas” (Corrêa, 1989, p.9). Como parte dessa fragmentação, o bairro é a materialização espacial da própria sociedade que o constitui. Os bairros negros, por si só, são um “campo de luta” (CORRÊA, 1989), na forma social dos habitantes existirem no território e na relação desses com as instituições do Estado branco. As transformações sócio-históricas impostas à sociedade brasileira, pressionada pelas demandas trazidas pelos

²⁹ Entende-se “fazer cidade” para Agier (2015, p.42) como múltiplas formas de agir e intervir sobre a cidade. Para ele, existem espaços vagos, desviados ou apropriados, fornecendo condições de um “agir urbano”, atraindo formas de ocupação, de invasão urbana, de instalação artística e de manifestação política.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

movimentos sociais, devem enfrentar estruturas sociais fundadas no “racismo antinegro [...] um problema estrutural da sociedade brasileira em consequência da nossa formação social econômica baseada no modo de produção escravista criminoso” (CUNHA JUNIOR, 2020, p.17).

Neste ensaio concordamos com Corrêa (1989) sobre a definição do espaço urbano “fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social”, no entanto, sua definição acerca dos agentes produtores do espaço urbano, trazendo para o contexto do pensamento da “complexidade sistêmica”³⁰ (CUNHA JUNIOR, 2020), se apresenta limitada. Corrêa (1989), divide os agentes produtores do espaço urbano em cinco grandes grupos: os proprietários do meio de produção; os proprietários fundiários, os proprietários imobiliários, o Estado e os grupos sociais excluídos. Essa definição dos agentes produtores do espaço urbano no contexto brasileiro se apresenta insuficiente, principalmente em um cenário de formulação do conceito de Bairro Negro. Dividir os agentes em grupos estabelecidos pela ideia de classe social, sendo os três primeiros membros de um grupo social maior (o capitalista) e o último membros da classe trabalhadora, e o Estado como um grupo neutro com interesses próprios, deixa de fora da análise o *modus operandi* definidor da produção do urbano no Brasil: “o urbano como produto do racismo estrutural” (CUNHA JÚNIOR, 1989, p. 22)

6. Considerações Finais

Este ensaio traz relatos e reflexões sobre ancestralidade e resistência, tendo como signos de análise a árvore, o terreiro e o bairro negro que sob uma perspectiva relacional podem ser compreendidos enquanto uma rede colaborativa de vivências multi-espécies. Neste percurso, buscou-se compreender de que maneira essa relação (que é ancestral)

³⁰ De acordo com Cunha (2020), “complexidade é uma forma de pensar o trabalho científico e de conceber os modelos científicos” (PRIGOGINE, 1996). Implica em reconhecer as diversas variáveis do sistema e as interações entre elas e não menosprezar os diversos efeitos que elas possam apresentar no comportamento do sistema (CUNHA, 2020, p. 19)”.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

define a territorialidade negra vivida na urbanidade, e como essa vem sendo atravessada - e também definida – pela devastação, perseguição e exploração do Estado Branco.

Desde Iroko, as árvores re-existem juntamente às sociabilidades que compreendem essas espécies enquanto seres que compartilham suas existências com a humanidade, conduzindo modos de vida associados e não unicamente exploratórios dos outros seres. Tal sociabilidade pode ser apreendida e exemplificada a partir das vivências do terreiro, que protege e sacraliza o meio-ambiente natural ao seu redor, colaborando na construção de um espaço fértil e possível de ser habitado, produzindo estruturas de perpetuação da ancestralidade negra, ou seja, um meioambiente racializado. Deste modo, essa rede – que não é somente co-construída a partir de subjetividades da negritude, mas sim atravessada, e também, definida por diversas violências que já foram largamente descritas neste ensaio – contribue na perpetuação da presença negra nos territórios, o que no contexto urbano pode ser entendido como os bairros negros.

Através da análise do contexto social urbano da cidade de Salvador no qual os signos estão inseridos, percebe-se que elementos como o Estado, o capital e as questões que envolvem a racialidade funcionam de maneira imbricada entre si e totalmente alinhada aos desejos de um contexto moderno, capitalista e racista que molda processos relacionais, culturais e políticos na constituição das sociedades. Por outro lado, a perspectiva relacional entre árvore-terreiro-bairro permite e fomenta pensar relações de colaboração e potência de vida ao passo em que também contribuem com a manutenção e a preservação de formas de “fazer cidade” que seguem, mesmo que inconscientemente, os caminhos delineados por Iroko.

7. Referências:

AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade: Lugares, Situações, Movimentos**. Tradução de Graça Índias Cordeiro. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011 [2009].

CANTARINO, Carolina. **Quando os deuses se materializam**. Patrimônio: Revista Eletrônica do IPHAN. Salvador: 31 de maio de 1984. Disponível em:



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

<http://www.labjor.unicamp.br/patrimonio/materia.php?id=44> . Acesso em: 28 de julho de 2022.

CANÇADO, Wellington. **O que diriam as árvores?** *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 11, página 118 - 125, 2017.

CARVALHO, Inaiá Maia Moreira. PEREIRA, Gilberto Corso (organização). **Como anda Salvador e sua Região Metropolitana**. Salvador: Edufba, 2008. 228 p.

CORRÊA, Roberto Lobato. **O Espaço Urbano**. São Paulo, Ática, 1989.

CUNHA JUNIOR, Henrique; BIÉ, Estanislau Ferreira (org.). **Bairros negros cidades negras**. Fortaleza: Creative Commons, 2009. 280 p.

CUNHA JUNIOR, Henrique; **Bairros negros, a forma urbana das populações negras no Brasil**: Disciplina de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. *Crítica e Sociedade: revista de cultura política*, Uberlândia, v. 10, n. 1, 2020

EMICIDA. Prefácio. In: ROLNIK, Raquel. **São Paulo: O planejamento da desigualdade**, São Paulo: Fósforo, 2022. 117f.

FRASER, Nancy. Por trás do laboratório secreto de Marx: Por uma concepção expandida do Capitalismo. **Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 06, ed. 10, p. 704-728, 2015.

KIDOIALE, Makota; MUIANDÊ, Mometu N'Kise. Senzala, terreiro, quilombo. **PISEAGRAMA**, Belo Horizonte, número 12, página 52 - 61, 2018. Disponível em: <https://piseagrama.org/senzala-terreiro-quilombo/> . Acesso em: 26 de julho de 2022.

KRENAK, Ailton. **Caminhos para a cultura do bem viver**. São Paulo, Cultura do Bem Viver, 2020. 36 págs.

MANCUSO, S. **A planta do mundo**. São Paulo: Ubu Editora, 2021. 183 p.

MARCELIN, Louis H. A linguagem da casa entre os negros no recôncavo baiano. *Mana*, Rio de Janeiro vol.5 n.2, 31-60, Out. 1999. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-93131999000200002>

MENEGHETTI, F. K.O que é um Ensaio-Teórico?. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 15, n. 2, p. 320-332, 2011.

QUIJANO, Anibal (ed.). Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. *In*: LANDER, Edgardo (org.). **A colonialidade do saber eurocentrismo e ciências sociais Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/ar/libros/lander/pt/lander.html>. Acesso em: 22 jul. 2021.



SALVADOR E SUAS CORES [2022]
2ª Conferência Internacional África-Brasil:
Cooperação Brasil-Nigéria dentro do Sul Global

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Bairros negros: Uma lacuna nos estudos urbanísticos - Um estudo empírico-conceitual no bairro do Engenho Velho da Federação, Salvador (Bahia)**. Tese (Doutorado), Versão Provisória - Universidade Federal da Bahia, Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo, Salvador, 2013, 283 f.

RAMOS, Maria Estela Rocha. **Território afrodescendente: Leitura de cidade através do bairro da Liberdade, Salvador (Bahia)** - 2007.186 f. : il.

RODRIGUES, Glauco Bruce. **A experiência da autogestão territorial anarquista durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939): legado, limites e possibilidades**. Boletim Gaúcho de Geografia UFRGS, v. 43, n. 1, 2016, p. 1-22. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/58535> . Acessado em: 29 jul. 2020.

ROLNIK, Raquel. **São Paulo: O planejamento da desigualdade**, São Paulo: Fósforo, 2022.117f.

SANTOS, Jocélio Teles dos. **Geografia Religiosa Afro-baiana no Século XIX**. Revista VeraCidade, [s. l.], ano IV, n. 5, p. 1-16, 2009.

SANTOS, Antonio Bispo. Somos da terra. *PISEAGRAMA*, Belo Horizonte, número 12, página 44 - 51, 2018. Disponível em: <<https://piseagrama.org/somos-da-terra/>> Acessado em: 04 ago. 2022.

TSING, Anna. 2019. **Viver nas ruínas: paisagens multiespécies no Antropoceno**. Brasília: IEB Mil Folhas. 284p. *Cadernos De Campo (São Paulo - 1991)*, 29(2). Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ha/a/Jb9hdNKYzbhdbwkLCKwfpqf/?lang=pt> . Acessado em: 04 ago. 2022.

VELAME, Fábio Macêdo. **Arquiteturas da ancestralidade afro-brasileira : O Omo Ilê Agboulá: um templo do culto aos Egum no Brasil** - Salvador : EDUFBA, 2019.